



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16847 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
 ISSN: 2595-7945
 GT 08 - Formação de Professores

"PURSUR I KA NTINDI NADA" (PROFESSORA, NÃO ENTENDI NADA): OS DESAFIOS DE SER PROFESSOR DA LÍNGUA PORTUGUESA NO CONTEXTO MULTILÍNGUE GUINEENSE
 Vaz Pinto Co - FADEPE / PPG em Educação da UFJF
 Hilda Aparecida Linhares da S. Micarello - UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora
 Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPEMIG

Na Guiné-Bissau são faladas diversas línguas étnicas, nomeadamente balanta, fula, pepel, mandinga, beafada, mandjaku, mankanhi, bidjuku, nalu e outras. Nessa realidade, o bissau-guineense (crioulo de Guiné-Bissau), falada por cerca de 75% a 80% da população, desempenha a função da língua veicular, que facilita a interação entre diferentes etnias da Guiné-Bissau (Couto; Embalo, 2010).

Naquele país, a maioria dos discentes fala o bissau-guineense (crioulo) e mais uma língua étnica antes de aprender o português na escola, o que ocorre comumente a partir de 6 anos, a idade estabelecida por Lei de Base do Sistema Educativo guineense (Guiné-Bissau, 2010), para o ingresso no Ensino Básico. Já o português é a língua oficial e a única língua do ensino, porém não é língua do dia a dia, de acordo com Couto e Embalo (2010), é falada por 13% dos guineenses como segunda ou a terceira língua.

Neste sentido, este trabalho visa compreender os desafios do professor da língua portuguesa no contexto multilíngue guineense, em que ela não é a língua veicular. A proposição é recorte de uma investigação em andamento do doutorado em educação, em que investigamos as práticas de leitura literária dos professores em formação em língua portuguesa na Escola Superior da Educação (ESE), a unidade Tchico Té, uma instituição de formação docente na Guiné-Bissau, que forma os professores em diferentes especialidades para atuarem no ensino secundário (ensino médio) no país.

A pesquisa foi fundamentada na concepção de linguagem proposta pelo Círculo de

Bakhtin (Bakhtin, 2003, 2016; Volochinov, 2013, 2018). Nessa abordagem a língua é concebida numa perspectiva interativa, estando em processo de constituição constante, a partir dos usos dos sujeitos reais, inseridos nas situações concretas de comunicação.

Em relação ao desenho metodológico, nossa investigação, quanto aos objetivos, é exploratória, de abordagem qualitativa. Os participantes são os professores da língua portuguesa em formação inicial do quarto ano, o último do curso da Escola Superior *Tchico Té*. No entanto, já lecionam a língua portuguesa e outras disciplinas em diferentes escolas privadas em Bissau, a capital da Guiné-Bissau. Para construção dos dados, foi aplicado um questionário do perfil leitor que foi respondido por trinta e um (31) docentes em formação em língua portuguesa, visando mapear e compreender o perfil leitor do grupo. Também fizemos a observação participante em duas disciplinas do curso, com ênfase no componente da didática da língua portuguesa. Além disso, foi realizada entrevista semiestruturada com dez (10) professores em formação inicial e um (1) professor formador.

Quanto ao método da análise, será pautada na abordagem dialógica de linguagem (Bakhtin, 2003, 2016; Volochinov, 2013, 2018), pano do fundo da nossa pesquisa, com o foco nos enunciados dos sujeitos, unidade da interação discursiva (Bakhtin, 2016).

Os resultados preliminares apontam que os professores têm dificuldades de manter interação na sala de aula, devido à pouca imersão dos alunos na língua de ensino, português, como pode constatar neste depoimento:

S- então, a dificuldade é enorme, tu vais explicar até chegar ao fim. Têm alunos que vão dizer “pursur i ka ntindi nada” – professor não entendi nada- “i ka obi nan nada ki bu fala”-não escutei nada que disse-Então, é complicado (riu alto), é muito complicado, a dificuldade é enorme (participante 20).

O português como língua de ensino dificulta o processo de compreensão dos alunos, que têm pouca relação com essa língua na vida cotidiana. Ainda, como a língua é vista na sociedade como um código, os discentes têm medo de se expressar para não cometerem erros:

E- eu noto uma coisa quando me encontro com os meus alunos na rua, na toca-toca. Ao falar português com eles, na toca-toca e nos lugares públicos, sentem-se ainda um pouco, um bocado de, de complexidade, às vezes, não falam no sentido de tu continuares mais a falar, a conversa. Falam e lhe respondem de forma limitada, para encurtar a conversa, para que todo mundo fique calado. Agora, se você mudar só idioma, aí essa pessoa começa logo a falar. Então essa é a segunda questão para mim (participante 16).

O medo de interagir na língua portuguesa está relacionado com a visão da língua como um sistema pronto, arraigada na sociedade, e o ensino pautado na gramática normativa, em que existe o certo e o errado. Isso dificulta a imersão do sujeito em uma determinada língua. Também existe a carência de materiais didáticos para o ensino do português voltado para a realidade da Guiné-Bissau, que poderiam contribuir para que o ensino dessa língua

fosse contextualizado, considerando a realidade multilíngue do país e o perfil dos alunos.

Diante disso, naquele contexto, a formação docente precisa preparar os docentes para estarem na altura de criar as práticas contextualizadas de uso da língua voltadas para a leitura, a escrita, a oralidade... a partir do entendimento da língua como uma prática social, considerando o contexto social e cultural da língua do ensino. Isso pode permitir que alunos relacionem ativamente e imerjam no português, possibilitando que seja instaurado o diálogo de modo concreto na sala de aula.

Palavras-chave: contexto multilíngue; formação dos professores; ensino do português.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Pontes, 2003.

VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Trad. Geraldini, João Wanderley. São Carlos (SP): Pedro & João Editores, 2013.

VOLOCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.